

**Ivaneudo Rodrigues Alves**

**O NILISMO ÉTICO NA ÓTICA DE LIMA DE VAZ**

**Monografia de Bacharelado em Filosofia**

Orientador: Prof. Dr. Álvaro Mendonça Pimentel, SJ

Belo Horizonte  
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia  
2022

**Ivaneudo Rodrigues Alves**

## **O NILISMO ÉTICO NA ÓTICA DE LIMA DE VAZ**

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Álvaro Mendonça Pimentel

## **DEDICATÓRIA**

A todos aqueles que, de maneira frutífera, contribuíram para o bom desempenho e êxito deste trabalho.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, autor e criador de minha existência. Por meio d'Ele e para Ele toda a minha gratidão, pois em meio aos sofrimentos me sustentou com braço forte e mãos estendidas.

Aos meus pais Creusa e José (Zé Belo), que na experiência da vida foram grandes colaboradores e responsáveis pela pessoa que me tornei. Agradeço aos meus irmãos, Iranilda, Iraneide, Iranete, Ivanildo, Iranildo, Antonio Nilton, José Eronilton, Iraides, Antonio Wilton, Iraneudo, Maria Ivanir, Maria Isabel, Mateus e Maiara, que de maneira incisiva contribuem para minha formação humana e cristã. Também agradeço aos demais parentes pelas palavras de incentivo e pensamentos positivos.

À Diocese de Crateús, na pessoa do nosso Pastor, Dom Ailton Menegussi, e dos formadores, Pe. Thallys, Pe. Neto, Pe. Helton, que com carinho me acolheram como formando e não medem esforços para me proporcionar uma formação acadêmica sólida e de qualidade. De forma especial, agradeço aos amigos e companheiros da nossa Cúria Diocesana, Daiane, Marcela e Rafael, sempre muitos solícitos quando preciso. Também não poderia esquecer meus irmãos seminaristas, que sempre me ajudam a encontrar forças diante das dificuldades no caminhar vocacional.

Aos amigos e irmãos da Fraternidade Dom Helder Câmara: Adilson, Matheus José, Fábio, Vítor, Leonardo, João Rafael, Pe. Renato, Ruan e Matheus Soares, pelo carinho e cumplicidade que fortalecem a minha caminhada, e ao Pe. Vitório, que não mede esforços para que eu tenha uma formação de qualidade.

Aos amigos e amigas contribuintes do Grupo Mãos Unidas Pelas Vocações, da Diocese de Crateús-Ce, que incansavelmente lutam na construção da formação de homens santos para a Igreja de Cristo. Obrigado, família Mãos Unidas Pelas Vocações, pelas vossas orações fervorosas e pela grande generosidade e colaboração na minha formação e de meus irmãos seminaristas.

Ao grande Prof. Dr. Pe. Álvaro Pimentel Mendonça, SJ, meu amigo e orientador, que com dedicação e paciência me ajudou na construção deste trabalho monográfico, e com êxito e prontidão sempre se mostrou solícito às minhas necessidades.

Ao magnífico corpo docente do curso de Filosofia da FAJE, que com grande maestria contribuíram para a minha formação acadêmica, bem como a todos que direta ou indiretamente colaboraram nos mais diversos setores desta instituição, para o meu crescimento humano, intelectual e social.

Quero agradecer ao meu orientador espiritual frei Sinivaldo, que nos momentos de aflição e desespero me ajudou a enxergar as saídas certas. Aos padres e irmãos da Nova Jerusalém, que sempre estiveram ao meu lado dando apoio e fortalecendo meu processo formativo, bem como todo o povo da Paróquia São José em Vespasiano – MG.

A todo povo da paróquia São Sebastião, minha paróquia de origem, nas pessoas dos meus ex-párocos, Pe. Adriano e Pe. Aldenor, que me encaminharam e apoiaram no início do meu processo vocacional. Ao meu atual pároco, Pe. Damácio, pelo carinho e amizade. Minha eterna gratidão aos meus conterrâneos que sempre me incentivam e apoiam.

Agradeço à minha querida amiga Marina Pizoni, que com grande sabedoria e dedicação ajudou-me na tradução, correção e formatação deste trabalho.

Agradeço à minha turma pelo companheirismo e amizade; a alegria e o caráter singular de cada um fizeram com que a nossa caminhada fosse mais prazerosa. Mesmo nos momentos de tristeza e dificuldades vocês foram alguém em quem pude me apoiar.

Por fim me utilizo das palavras de São Tomás de Aquino, “a amizade diminui a dor e a tristeza.” Dedico isto a aqueles que nestes anos me ajudaram a compreender que diante das inconstâncias da vida é possível contemplar a Beleza que se traduz no Amor de Deus.

Obrigado!!!

*Não podemos fazer tudo, e há uma sensação de libertação em perceber isso. Isso nos permite fazer alguma coisa, e fazer isso muito bem. Pode ser incompleto, mas é um começo, um passo ao longo do caminho, uma oportunidade para a graça do Senhor entrar e fazer o resto.*

São Oscar Romero

## RESUMO

Este trabalho monográfico fundamenta-se na abordagem da definição do niilismo ético moderno a partir dos textos do filósofo Henrique Cláudio de Lima Vaz (1921-2021), e como a Ética Filosófica contribuiu para a compreensão da mudança de paradigma na civilização ocidental. A partir do profundo conhecimento da tradição filosófica, e atento aos problemas que o rodeava, Lima Vaz estrutura em um discurso sistemático e coerente o processo de transformação do niilismo moderno. Uma civilização universalmente movida pela razão, mas, que não consegue alcançar um discurso ético que também atinja níveis universais. Assim, Lima Vaz expõe que, mais do que uma negação das normas que regem a vida dos indivíduos, o niilismo é caracterizado como uma crise de valores. Para tanto, buscaremos como objetivo alcançar uma compreensão que demonstre as raízes das quais se fundam o niilismo moderno e como se mostra ativo na nossa cultura e, por conseguinte o movimento dialético que organiza uma ciência do *ethos*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Filosofia. Niilismo. Ética Filosófica. Razão. Virtude.

## **ABSTRACT**

This monographic work is based on the approach of the definition of modern ethical nihilism from the texts of the philosopher Henrique Cláudio de Lima Vaz (1921-2021), and how the Philosophical Ethics contributed to the understanding of the change of paradigm in Western civilization. From a deep knowledge of the philosophical tradition and attentive to the problems that surrounded him, Lima Vaz structures in a systematic and coherent discourse the process of transformation of modern nihilism. A civilization universally moved by reason, but which is unable to reach an ethical discourse that also reaches universal levels. Thus, Lima Vaz exposes that, more than a denial of the norms that govern the life of individuals, nihilism is characterized as a crisis of values. To this end, we will seek to achieve an understanding that demonstrates the roots from which modern nihilism is founded and how it is active in our culture and, consequently, the dialectical movement that organizes a science of *ethos*.

**KEYWORDS:** Philosophy. Nihilism. Philosophical Ethics. Reason. Virtue.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1 RAÍZES DO NILISMO .....</b>	<b>11</b>
<b>1.1 Nihilismo no pensamento de Lima Vaz.....</b>	<b>12</b>
<b>1.2 Como o conceito de nihilismo atua na interpretação do problema ético na fenomenologia do <i>ethos</i> de Lima Vaz.....</b>	<b>13</b>
<b>1.2.1 Compreensão semântica do <i>ethos</i> .....</b>	<b>13</b>
<b>1.2.2 <i>Ethos</i> e tradição .....</b>	<b>14</b>
<b>1.2.3 <i>Ethos</i> e indivíduo .....</b>	<b>15</b>
<b>1.2.4 <i>Ethos</i> e conflito .....</b>	<b>16</b>
<b>2 ENFRENTAMENTO DA CRISE NILISTA DA MODERNIDADE: DO <i>ETHOS</i> A ÉTICA .....</b>	<b>18</b>
<b>2.1 <i>Ethos</i> e cultura .....</b>	<b>18</b>
<b>2.2 O desenvolvimento da ciência do <i>ethos</i>.....</b>	<b>20</b>
<b>2.3 Estrutura da Ciência do <i>ethos</i> .....</b>	<b>22</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>26</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>28</b>

## INTRODUÇÃO

A presente monografia tem por objetivo apresentar a contribuição da Ética Filosófica de Henrique C. de Lima Vaz no enfrentamento da crise niilista que se perpetua na sociedade moderna. A partir do seu profundo conhecimento da tradição filosófica e dos problemas atuais, desenvolve sistematicamente o processo pelo qual a ciência do *ethos* se consolidou dentro de uma civilização marcada pela universalização da razão. Nossa pesquisa se limitará em apresentar como Vaz entende a crise niilista na nossa cultura e qual o caminho que ele apresenta como solução para o enfrentamento dessa crise. Para a realização deste trabalho de pesquisa, utilizaremos como base textual os livros do nosso autor, Escritos de Filosofia II e IV, Ética e cultura e Introdução à Ética Filosófica I.

A pesquisa se estruturará em torno da ética filosófica de Lima Vaz, mais precisamente, sobre o destino da ética na cultura ocidental. Primeiramente, mostraremos o que é o niilismo na compreensão vaziana. A segunda abordagem voltar-se-á para a fenomenologia do *ethos*, ou seja, como Lima Vaz mostra esse niilismo ativo na cultura, e, por fim, como o niilismo está presente em correntes filosóficas contemporâneas, e qual o caminho que Lima Vaz mostra para o enfrentamento do problema ético.

Para o primeiro capítulo, debruçar-nos-emos em desenvolver de forma descritiva as principais definições dos pressupostos morais expressos em correntes de pensamentos niilistas. Mostraremos, assim, as raízes do “niilismo” antigo, do niilismo cristão e do niilismo moderno. Depois, partiremos para compreender a conceituação que Lima Vaz faz do niilismo moderno e como ele situa essa crise no mundo ocidental, mostrando, dessa forma, a sua interpretação para o problema ético expresso na fenomenologia do *ethos*.

No segundo capítulo, assumiremos como objetivo apresentar uma síntese do caminho percorrido por Lima Vaz para a sua reflexão no enfrentamento da crise niilista. Abordaremos, nesse capítulo, como o niilismo afeta o *ethos* como costume, e como os pressupostos filosóficos ajudam a lidar com essa crise. Ainda nesse capítulo, apresentaremos o movimento dialético na estruturação de uma ciência do *ethos*. Por fim, exporemos a esquematização em que Lima Vaz demonstra a estruturação da ciência do *ethos*, ou seja, a passagem do *ethos* à Ética.

Desta maneira, a referente pesquisa monográfica transita e conserva o padrão tradicional nas pesquisas filosóficas, qual sejam a análise e bibliografia. Vamos nos utilizar do

método hermenêutico optando pela exegese dos textos lidos em comunhão e paralelo com a bibliografia de apoio.

## 1 RAÍZES DO NIILISMO

O filósofo Henrique Cláudio Lima Vaz, extremamente empenhado e atento em compreender o tempo e o contexto em que estava inserido, desenvolve em suas matrizes filosóficas importantes discussões sistemáticas sobre os processos éticos e morais nos quais estamos inseridos. Encontramos em sua obra uma abordagem dos problemas enfrentados pela ética e os fundamentos que compõem o atual cenário da sociedade. O contexto em que se apresenta sua reflexão está marcado por uma supervalorização do processo “científico-técnico até os ideológico-políticos” (VAZ, 2013, p. 8) e, ao mesmo tempo, por uma “crise espiritual sem precedentes” (VAZ, 2015, p. 7). Lima Vaz demonstra em seus fundamentos éticos a crise dos tempos atuais, mostrando os desdobramentos do niilismo contemporâneo no *ethos* de cada sociedade.

Para compreender esse processo, perante uma sociedade extremamente arraigada por pensamentos absolutistas, que ao longo dos séculos foram sendo disseminados, e os contornos que delineiam o momento em que estamos passando, faz-se pertinente entender, primeiramente, as raízes do problema. Os pressupostos pelos quais nossa cultura foi afetada, sofrendo com a descrença instaurada pela liberdade dos indivíduos em função do *logos* Ocidental, promovendo, assim, uma ruptura do *ethos*, mudando totalmente a *práxis* humana, ou seja, seu modo de ser e de viver.

Na raiz semântica do niilismo, que “do latim *nihil*, nada”, encontramos a objetividade que o movimento representa. Ele possui uma conotação absolutista em que fortalece a descrença nos valores éticos e nas virtudes morais, rompendo com o *ethos*, desenvolvendo-se radicalmente na humanidade, causando o esfacelamento do sentido exposto na história e na cultura (ANTUNES, 1991, p. 1170). Podemos entendê-lo, ainda, como a abnegação daquilo que o norteia, um despreendimento de toda norma que indica o modo de agir do homem; esse rompimento da vida moral está intimamente ligado a uma liberdade sem regras (SAINT-SERNIN, 2007, p. 251). Diante disso, o niilismo faz ecoar uma expressiva força relativista e absolutista, mudando o modo de agir e pensar dos indivíduos.

As constantes mudanças na humanidade, sobretudo com os avanços técnico-científicos, vão gerando novas perspectivas na forma como os indivíduos enxergam a realidade. Essas mudanças podem evoluir para a uma perda da noção do *ethos* exposto na cultura, acarretando numa negação dos valores expressos na sociedade. Dessa maneira, podemos compreender o niilismo a partir de três grandes correntes de pensamento: o “niilismo antigo”, o niilismo cristão e o niilismo moderno, cada qual com um caráter

específico, expressando e difundindo sua natureza niilista. Embora sendo diferentes, essas correntes de pensamento não fogem daquilo que o niilismo expressa na sua concepção linguística.

A expressão “niilista”, na antiguidade, parte da dimensão ascética no uso da liberdade. A forma como se concebe esse pensamento denota uma enorme criticidade; a mudança radical na maneira de enxergar o mundo e a existência humana, pondo em dúvida a ação de Deus na vida dos indivíduos, marcando um novo tempo nas lacunas da crítica e nas razões de ser. Porém, não chega a ser massificante, permanecendo na ordem do individual (SAINT-SERNIN, 2007, p. 251).

Nesse processo conceptual do niilismo, aparece no seio do pensamento cristão uma segunda referenciação. O cenário é embasado pela crítica da fé e da razão; só se pode se abrir para Deus, pela morte de Deus, o eu é incapaz de perceber, de exprimir o caráter indelével do divino. Ou seja, as percepções humanas do divino não revelam realmente o seu caráter. A razão humana não consegue reunir características capazes de abarcar a figura de um Deus criador e condutor dos indivíduos. Por isso, há uma dissolução do eu, face ao espírito (SAINT-SERNIN, 2007, p. 251-252).

O niilismo moderno é marcado pela supervalorização dos pseudo-absolutos, pelas ciências humanas, que distanciam a compreensão do homem e o real. Juntamente com uma nova cosmovisão do universo, repousa na cultura a descrença em Deus, interpelando a natureza das questões e das explicações míticas. O homem torna-se absoluto, não necessitando mais de uma força superior que o guie ou da regência de um Deus. O modernismo é marcado pela autossuficiência do homem. Há um rompimento da relação do homem com o divino, com a natureza e com o próprio indivíduo (SAINT-SERNIN, 2007, p. 252-255).

### **1.1 Niilismo no pensamento de Lima Vaz**

Na medida em que avançou o progresso material, tecnológico, científico, organizacional, político, foi sucumbindo junto o caráter do *ethos*. A racionalidade ética já não conseguia mais abarcar uma universalidade perante tal desenvolvimento. Diante disso, foi se dissipando a consciência ética do indivíduo.

A razão tornou-se universal, porém, o campo ético não conseguiu essa mesma universalização. Assim, foi se perdendo a noção dos valores e das virtudes morais. A relação explícita entre o indivíduo e o *ethos* reforça esse paradigma, sendo esse caráter ético parte

constitutiva do ser. Todavia, como afirma Lima Vaz, “o problema da relação entre *ethos* e indivíduo desdobra-se, assim, através das mediações sociais que se tecem no campo das esferas particulares da sociedade, cada qual particularizando, por sua vez, o horizonte universal do *ethos*” (VAZ, 2013, p. 26).

A resignificação que foi sendo adotada na contemporaneidade, para os comportamentos universais, levou a essa dispersão de uma liberdade sem regras. Essa banalização dos valores éticos e dos princípios morais, bem como a sua rejeição, tem fomentado mais ainda essa crise. Para Lima Vaz, esse conflito “é parte integrante do *ethos* que abriga em si a indeterminação característica da liberdade. [...] Nesse sentido, o conflito ético não é uma eventualidade acidental, mas um componente estrutural da historicidade do *ethos*” (VAZ, 2013, p. 30).

O fato é que nossa cultura está marcada fortemente por fenômenos contrários a *práxis* do *ethos*. “Sendo um momento estrutural do dinamismo histórico do *ethos*, o conflito ético deve, pois, ser caracterizado fundamentalmente como conflito de valores e não como simples revolta do indivíduo contra a lei.” (VAZ, 2013, p. 31).

Em consequência, podemos distinguir entre o *nilismo* como negação do *ethos costume*, ou seja, dos valores e virtudes que são afirmados em uma cultura dada, e o *conflito ético*, que é próprio ao fenômeno do *ethos*. Estudar a fenomenologia do *ethos* ajudar-nos-á a compreender melhor essa questão.

## **1.2 Como o conceito de nilismo atua na interpretação do problema ético na fenomenologia do *ethos* de Lima Vaz**

Veremos, a seguir, os matizes semânticos que demonstram as peculiaridades dos vocábulos gregos que formam a base para uma ciência do *ethos*; por conseguinte, as designações que cada uma representa na tradição cultural e na vida dos indivíduos.

### **1.2.1 Compreensão semântica do *ethos***

Os desafios éticos, morais e de valores presentes na sociedade contemporânea tornaram-se um dos grandes dilemas de investigação da ética filosófica. Como o próprio Lima Vaz coloca, a ética tem se tornado um dos temas mais abordados nos últimos tempos (2015, p. 7) e nos diversos campos em que compõem a sociedade. Ao mesmo tempo, ocorre uma descaracterização do termo, desencadeando uma relativização no uso da palavra Ética.

Essa banalização dos valores éticos e dos princípios morais, bem como a sua rejeição, têm fomentado mais ainda essa crise. O fio condutor para a compreensão desse fenômeno ético passa pelos matizes semânticos que compõem o *ethos*. O termo tem origem a partir de duas expressões gregas, com modos e significados diferentes, revelando a riqueza e a complexidade por detrás desse fenômeno abordado por Lima Vaz.

A palavra *ethos* tem origem na transcrição de dois vocábulos gregos: *ἔθος* e *ἦθος*. O segundo pode ser mais bem compreendido com a metáfora da morada. É por meio desse *ethos* com “eta” que o homem torna a natureza habitável, elevando sobre o domínio da pura necessidade da *Physis* o espaço onde o homem pode inserir seus costumes. Já o *ethos* com “épsilon” se refere ao comportamento resultante da repetição dos mesmos atos frequentemente. Essa repetição não se dá nem sempre nem em virtude de uma necessidade natural, mas da educação ética recebida, que gera, finalmente, um hábito. Nesse sentido, o *ethos* com “épsilon” atinge sua plenitude de significado quando acrescido do vocábulo *hexis*, que designa o hábito como uma possessão estável (VAZ, 2013, p. 11-16). E os hábitos *bons* conquistados na educação ética são chamados *virtudes*.

Assim, o *ethos* se mostra como o lugar da *práxis* e da realização do homem. O termo latino *moralis* deriva do substantivo *mos* que corresponde ao *ethos* grego, assim como *ethike* corresponde a *moralis*. Ambos designam fundamentalmente o mesmo objeto. É somente na modernidade que tais termos caminham com certa distância, visto que o termo moral passa a estar relacionado ao terreno da *práxis* individual, enquanto que a ética se relaciona com a *práxis* social. Lima Vaz discorda da posição da modernidade e propõe que não se enfatize as divisões entre moral e ética e as tratemos como sinônimos, a fim de manter entrelaçados em seu núcleo de sentido o caráter social e o caráter individual (2015, p. 13-16).

### 1.2.2 *Ethos* e tradição

A tradição é essencialmente constitutiva do *ethos*. O diálogo a que se propõe Lima Vaz leva em consideração essa primazia da ética na cultura ocidental. O paradigma aqui apresentado opõe-se à autossuficiência proclamada pelo positivismo lógico, que acarreta o abandono dos fundamentos da razão teórica e prática. Dessa maneira, os avanços do progresso material e científicos vêm acrescidos de uma descrença nas razões que perpassam a vida ética dos indivíduos.

A palavra tradição quer dizer “entrega ou transmissão de uma riqueza simbólica que as gerações passam uma à outra” (2013, p. 17). Desta forma, a tradição é um traço fundamental

do fenômeno ético, uma vez que as virtudes éticas são apreendidas pelo exercício constante. Assim, o *ethos-costume* existe como uma tradição ética, no sentido em que por meio da tradicionalidade o *ethos* pode ser dado ou transmitido para o ser humano. Lima Vaz ressalta que,

entendida nessa sua essencialidade com relação ao *ethos*, a tradição é a relação intersubjetiva primeira na esfera ética: é a relação que se estabelece entre a comunidade educadora e o indivíduo que é educado justamente para se elevar ao nível das exigências do universal ou do *ethos* da comunidade (2013, p. 19).

Em sua tradição, que é essencial ao seu processo, o *ethos* das relações humanas tem característica persistente, resiste ao tempo e à mutabilidade, pois consiste em um legado transmitido por gerações. Isso não supõe uma incapacidade adaptativa a novas situações e novos valores. Segundo Lima Vaz o tempo histórico do *ethos* é qualitativo, ou seja, nele o *ethos* não segue uma linearidade matemática ou dedutiva, mas se transforma em sua qualidade, como numa evolução criativa. Sendo possível verificar conforme o pensamento do filósofo que o passado e o presente na tradição ética compõem este tempo qualitativo e se relacionam dialeticamente. Assim, Lima Vaz aponta que a tradição não é algo enrijecido ou um mero tradicionalismo, mas, uma tradição que, vinculada ao *ethos*, tem o seu dinamismo próprio.

### 1.2.3 *Ethos* e indivíduo

A sociedade é marcada por diferentes formas organizacionais e de relações dos indivíduos, sendo fundamental essa socialidade na construção da identidade individual. Essa constituição é o *ethos* essencial e integrante na *práxis* social do ser humano.

Seguindo esta perspectiva, constata-se que a relação do *ethos* com o indivíduo é dialética, de modo que o *ethos* não é determinista, mas situa-se no domínio da possibilidade. Não sendo pensada como oposição à liberdade do sujeito ético, mas como aquele que possibilita ao ser humano sair do espaço-tempo cronológico (marcado pelo factual) para o espaço tempo qualitativo (marcado pelo simbólico), através de sua “suprassunção” (*aufhebung*) na universalidade do *ethos* ou na continuidade da tradição ética.

A precedência do *ethos* sobre o indivíduo é dialética, dando-se pelo tipo de relação estabelecida entre o *Ethos-costume* (sociedade) e o *ethos-hábito* (indivíduo). Desta forma, ele não se apresenta em face do indivíduo segundo a razão de uma anterioridade cronológica, ou seja: vindo depois de constituído o *ethos*, o indivíduo seria por ele precedido e, portanto,



determinado. Nem segundo a razão de uma exterioridade social, na qual o indivíduo, vindo à existência no seio do *ethos* já socialmente instituído (costumes), seria por ele envolvido e extrinsecamente condicionado. Também, não atenderia à relação entre *ethos* e indivíduo pensá-la segundo uma anterioridade logicamente linear da causalidade eficiente, na qual o indivíduo seria produzido pelo *ethos* como o efeito pela causa. Na relação dialética entre costume e hábito, o indivíduo torna-se ético no seio da comunidade e o sujeito ético, por sua vez, confirma, reforça e enriquece a tradição ética em que foi formado. O costume e a virtude, a comunidade e o indivíduo ético formam uma unidade dinâmica e criativa.

#### **1.2.4 *Ethos* e conflito**

O conflito ético está na constituição do domínio da possibilidade do *ethos*, marcado pela indeterminação da liberdade. Com isso, observa-se que este conflito faz parte da natureza histórica do *ethos*, de forma que ele não é extrínseco, mas um componente estrutural de sua historicidade. O conflito ético se dá no campo dos valores devido ao fato do seu portador ser o ser humano, o sujeito ético, ou seja, é um conflito vivo que ocorre porque este indivíduo ético se faz intérprete das exigências novas e profundas que o *ethos* apresenta.

Dessa maneira, não podemos caracterizar esse conflito como niilismo ético, ou seja, a negação do *ethos*. Não é uma ação eticamente má, ou seja, uma recusa da normatividade do *ethos*. Não é uma falta ética que seria uma ruptura no processo de interiorização do *ethos* como costume no *ethos* como hábito. Isto significa que o conflito ético se dá com uma nova onda de valores que é apresentada ou chega ao indivíduo por circunstâncias históricas, não é revolta e contrariedade às normas já estabelecidas, mas fruto de novas aspirações que fazem surgir um conflito de valores levando a uma constante adaptação diante da crise.

Diante disso, Lima Vaz coloca a ideia de transgressão como o sentido mais profundo. A transgressão se mostra inicialmente como a oposição ao tabu, a ruptura dos limites impostos ao indivíduo por uma estrutura coercitiva externa; ela, desse modo, nos faria ser nós mesmos, livres dos determinismos sociais. Trata-se de uma expressão insuficiente do termo, pois a transgressão não é negatividade da falta, da revolta, do vício. Se assim fosse, não sairia do nível de liberdade mais básico, que é o livre-arbítrio do indivíduo – uma liberdade como pura indeterminação. A transgressão é liberdade ética que vai além; é liberdade como autodeterminação, que consiste em arriscar a sair da segurança do lar do *ethos*, podendo assim lançar-se a um novo modo ousado de conquistar uma maior liberdade para além dos limites da

segurança do próprio *ethos* social “anunciando o advento de um novo mundo de valores” (VAZ, 2013, p. 35).

Ao tratar dessa crise espiritual vivida pelo ser humano, Pe. Vaz se refere ao fato de que, na hierarquia pessoal humana, o bem viver perdeu lugar para certo “hedonismo”, onde se busca apenas as satisfações básicas. Partindo da ideia do bem viver, nota-se uma perda deste horizonte, ou seja, a perda das razões de viver em detrimento apenas de uma satisfação de bem-estar. Levando em conta essa questão de o ser humano conferir sentido ao viver, somos remetidos à ideia de hierarquia dos bens, sobre a qual Lima Vaz caracteriza a vida humana, uma vez que o homem, mesmo que inconscientemente, precisa dar sentido para a sua vivência, de forma que ele busca aquilo que o realiza.

O niilismo ético, por sua vez, mostra-se como a negação pura e simples do *ethos*, ou seja, uma negação radical do *ethos*. A partir desta perspectiva, torna-se possível afirmar que o reducionismo economicista do *ethos* no mundo contemporâneo é uma expressiva forma de niilismo ético, uma vez que esta forma econômica propõe uma forma de vida imediatista. Com isso, o ser humano não procura a sua autorrealização e nem o bem viver, mas apenas vive o reducionismo do consumo pelo consumo. Desta forma, é possível afirmar que na contemporaneidade o foco está nas satisfações básicas, ou seja, no satisfazer apenas a primeira natureza, o que leva o homem a não construir a sua segunda natureza, o *ethos*, e buscar o bem viver. Portanto, aqui se encontra a relação deste niilismo ético com a crise paradoxal, marcada pelo esvaziamento do horizonte simbólico humano.

## 2 ENFRENTAMENTO DA CRISE NIILISTA DA MODERNIDADE: DO *ETHOS* À ÉTICA

Depois de apresentarmos algumas correntes de pensamentos niilistas, e como, na ótica de Lima Vaz, esse problema se mostra ativo na sociedade moderna, partiremos para uma síntese da concepção limavaziana de como essa crise niilista afeta o *ethos* como costume, e como os pressupostos da ética filosófica ajudam a lidar com a crise niilista da modernidade. Logo, o intuito é apresentar os aspectos essenciais do caminho que Lima Vaz faz na explicação da passagem do *ethos* à ética.

### 2.1 *Ethos* e cultura

No capítulo anterior, ressaltamos que o dinamismo ético não conseguiu o mesmo caráter universal que a razão. Assim, a crise ética, em que a civilização ocidental está imersa, resulta no que em seu discurso, podemos chamar de uma desarticulação no campo ético filosófico. Segundo ele:

[...] o paradoxo reside aqui na aparente violação de uma lei fundamental do processo de criação cultural e que está na origem do fenômeno histórico do *ethos*, a saber, a lei que prescreve ao ser humano criador de seu *mundo*, que é o mundo da *cultura*, a necessidade de uma ordenação *normativa* de sua atividade criadora em termos de *bens* e *fins* que atendam ao imperativo ontologicamente primeiro de sua autorrealização. (VAZ, 2015, p. 8)

Diante disso, Lima Vaz denota que a tradição é parte característica da constituição do *ethos*, sendo essa a singularidade em que culmina a *práxis* ética. Assim, “à permanência social do *ethos* na forma do *costume* correspondem sua interiorização e permanência no *indivíduo* na forma de *hábito*” (VAZ, 2015, p. 41). Dessa maneira, “a tradição se mostra, assim, ordenadora do tempo segundo um processo de reiteração vivente de normas e valores que constitui a cadência própria da história do *ethos*” (VAZ, 2013, p. 19).

Assim, o tempo da tradição não pode ser um tempo puramente linear. Ele participa da circularidade dialética do *ethos* e, deste modo, é possível compreender como, nele, o passado não seja apenas um *terminus a quo*, mas como passado, seja suprasumido na universalidade normativa e paradigmática dos costumes, e se torne um *terminus ad quem* para o presente empírico, para o aqui e agora da *práxis* que a ele se refere como à instância fundadora e julgadora do seu conteúdo ético (VAZ, 2013, p. 19-20).

Dessa maneira, Lima Vaz expõe que a ação humana é decorrente do processo de estruturação cultural, ou seja, a relação entre o *agir* e o *fazer* que são partes imanentes do *ethos* na cultura. Consequentemente essa ação está arraigada a um dualismo estrutural, que influenciará diretamente no modo de ser do indivíduo, naquilo que ele é, ou tende a ser. Ou seja, a ação do indivíduo parte da sua relação com a realidade. A cultura é parte constitutiva do ser, não apenas como abrigo, mas parte fundamental da vida do indivíduo. (VAZ, 2013, p. 36-40).

Assim, a *práxis* do indivíduo tem por referência sua própria ação na cultura, pois a mesma exerce uma ação sobre o modo de agir do ser humano. Por conseguinte, esse entrelaçamento entre *ethos* e cultura é a base para a normatividade constitutiva da atuação do ser na sociedade. Isso é o que, categoricamente, Vaz vai realçar ao afirmar que “o sujeito e sua ação permanecem irremediavelmente ligados”. Para o autor, “a cultura é inseparável do *ethos*, ou a cultura – toda cultura – é constitutivamente ética” (2013, p. 40).

Outro ponto importante que Lima Vaz vai referenciar é o papel da religião na constituição da base ética. O viés religioso imprime um caráter universal e muito antigo, do qual a sociedade valeu-se para a fundamentação normativa da experiência do indivíduo integrado ao *ethos*. Por outro lado, o caminho percorrido pelo *ethos* se distingue da religiosidade, mesmo possuindo particularidades semelhantes. Contudo, Vaz afirma que:

Como quer que seja, a expressão do *ethos*, na forma do ensinamento e do comportamento religiosos é um fato universal de cultura, e é impossível separar, na história das grandes civilizações, tradição ética e tradição religiosa. Desse ponto de vista, o processo histórico-cultural que se encaminha, na civilização ocidental, para a laicização do *ethos*, assinala igualmente uma das mais graves crises, entre as historicamente conhecidas, da tradição ética de uma grande civilização (2013, p. 41).

Querer separar os valores éticos dos valores religiosos seria como querer derrubar uma das vigas de sustentação de um edifício, tendo em vista que as primeiras formas de explicação e de normatização da vida estão expressas nas religiões. Dentro dessas primícias, Vaz faz alusão ao *mito* e à *sabedoria de vida*. O mito, expressando um caráter educador e ordenador do mundo, levando os indivíduos a refletir as suas ações e limitações dentro do plano cósmico, e a sabedoria de vida, que seria a linguagem por onde se expressaria o *ethos* (VAZ, 2013, p. 42).

Assim, a sabedoria de vida aparece como um ponto chave para a elucidação da ciência do *ethos*. O valor semântico herdado da mesma serviu para que pudéssemos conhecer aspectos diversos dos valores que configuram o *ethos*. Dessa maneira, Lima Vaz diz que:

Um dos traços importantes no *ethos* da sabedoria da vida é o fato de que essa sabedoria se apresente como expressão da própria natureza e faça apelo, portanto, a uma vontade que se mantém no terreno daquelas que se consideram exigências essenciais da vida, acima das flutuações do arbítrio individual. Assim, através da *sabedoria de vida*, manifesta-se essa analogia entre a regularidade da natureza e a constância e a regularidade do *ethos*, na qual a Ética como ciência do *ethos* irá encontrar seu ponto de partida e seu motivo fundamental (2013, p. 43).

Com efeito, a constituição de uma consciência moral social manifesta-se profundamente arraigada no sistema de normas, valores e fins absorvidos pelo modo de ser dos indivíduos. E lançar fora conhecidas tradições éticas é o principal elemento ocasionador de uma das mais graves crises no campo ético. Esse seria o plano de fundo que caracteriza o advento da ciência do *ethos* na cultura ocidental, ou seja, a ética ou ciência do *ethos* é uma ferramenta de enfrentamento tradicional das crises do *ethos*. No entanto, vale notar que a crise que vivemos hoje, como afirmado acima, expressa uma intensidade ainda não vista em épocas passadas. Retornar ao início desse enfrentamento nos ajuda a encarar os desafios do presente.

## 2.2 O desenvolvimento da ciência do *ethos*

O movimento dialético que se mostra na aurora de uma ciência do *ethos* traz consigo uma profunda transformação no modo de ser e compreender a realidade civilizatória ocidental. A passagem do *logos* mítico e sapiencial ao *logos* epistêmico marca o início dessa nova significação que a ciência desenvolveu na cultura ocidental. Esse será o princípio para o processo de desenvolvimento da ciência do *ethos*. Assim, Lima Vaz afirma que:

A formação de um *logos* que busca exprimir a ordem do mundo na ordem das *razões*, que parte de um primeiro princípio (*arquê*) e que, portanto, é conduzido a elaborar a primeira noção científica de “natureza” (*Physis*), repercute também sobre os diversos tipos de *lógoi* que falam da conduta da vida e do sentido da ação humana (2013, p. 44).

Contudo, o processo de estruturação que permeou a conceituação da ética ocidental, corresponde a importantes compreensões filosóficas que, em síntese, viriam a ser a base para a fundamentação de uma ciência do *ethos*. Lima Vaz apresenta essas vertentes que, dentro dos pressupostos morais antigos, foram importantes pontos de confluência. São elas: “1) a lei e o bem; 2) a virtude ou a existência segundo o Bem e a *eudaimonia*; 3) o sujeito da ação moral” (VAZ, 2013, p. 47). O diálogo em torno desses temas exprimiria as grandes discussões morais até a atualidade.

Porém, o contexto a que se apresentava o desenvolvimento de uma ciência do *ethos* exigiria uma reflexão concisa, sobretudo para a sua própria sobrevivência. Por outro lado, os desafios aos quais surgiam do estado democrático necessitavam cada vez mais de um *ethos* que colocasse ordem segundo os princípios da igualdade. Como tal, a discussão em torno do agir racional dos indivíduos na *polis* consistiria no ponto de partida para uma estruturação de uma ciência do *ethos*.

Por conseguinte, Lima Vaz valendo-se de reflexões de alguns filósofos para a ciência do *ethos* apresenta os pontos a partir dos quais essa ciência se edifica. Nessas concepções, mostra-se o ideal para que um indivíduo viva bem e em harmonia no meio em que está inserido, ou seja, a “ciência da ação justa e boa que é a ação segundo a virtude (*areté*).” Essa seria a condição adequada para o agir ético. Dessa maneira, a conduta do indivíduo pela mediação da lei seria o caminho para o seu fim último, a realização plena da própria vida. Além disso, Lima Vaz acrescenta:

A constituição de uma ciência do *ethos* só se tornaria possível com uma crítica radical da noção de *destino*, com a interiorização da necessidade no sujeito agente através da descoberta de um novo campo de racionalidade que terá como pólos: de um lado, o *fim* da ação como o bem (*agathón*) ou perfeição do agente; de outro, o exercício da ação que une o agente a seu fim e manifesta, desse modo, sua perfeição imanente ou sua virtude (*areté*). Entrelaçando inteligência e liberdade no vínculo do Bem, a virtude torna o homem *eudaímon*, vem a ser, excelente em humanidade e auto-realizando-se nessa excelência (2013, p. 52).

O ponto culminante da ciência do *ethos* seria a realização plena expressa no Bem. Característica essa que abriria a discussão sobre a ideia do mal e do destino, inerentes a passagem do mito ao *logos*, pontos que permeiam a ciência do *ethos*. A reflexão que o autor coloca desdobra-se em torno da concepção de Bem e a sua racionalidade no campo ético. Segundo ele:

[...] a tematização da *areté* nos quadros racionais de uma ciência do *ethos* só terá lugar plenamente quando, na idade dos Sofistas, estiver armado o conflito entre o *ethos* como tradição e o *ethos* como ciência. Seu campo teórico de disputa será justamente a questão célebre sobre a ensinabilidade da *areté* (VAZ, 2013, p. 55).

O cenário que Lima Vaz expõe está marcado por grandes questionamentos, entre os quais a legitimidade da virtude como ciência. Nesse sentido, a ciência do *ethos* se mostrará a partir de duas vertentes, que servirão de base para a sua racionalidade, “o pólo objetivo do bem (*agathón*) e o pólo subjetivo da virtude (*areté*)”. Diante disso, o modo pelo qual se dará

essa consciência moral, perpassará pela “trajetória da *praxis* como ato do sujeito, que une a virtude (*hexis*) ao Bem (*ethos*)” (VAZ, 2013, p. 57-58).

Nessa reflexão, vai se esclarecendo aquilo que caracteriza a nova ciência do *ethos*, os temas ligados à lei, ao Bem e à virtude, na busca da perfeição do agir ético. Diante disso, vai se constituindo a ciência moral e o homem como sujeito moral.

Um aspecto importante é a nova concepção de homem, visto como sujeito moral, que lhe confere uma característica especial, detentor da sabedoria e do discernimento, pontos que o torna capaz de distinguir o que é bom para a sua vida; portanto, um ser dotado do conhecimento ético. Outro ponto que Lima Vaz ressalta é a abertura do indivíduo para o autoconhecimento, aspiração que o leva para o entendimento do bem e a prática da virtude. O ideal aqui apresentado é o do indivíduo que, conhecendo-se, é capaz de discernir suas ações e deixar-se guiar pela razão.

### **2.3 Estrutura da Ciência do *ethos***

Traçando o esquema que constitui a gênese da ciência do *ethos*, Lima Vaz de antemão expõe os impasses que dificultam o processo de consolidação de uma ciência do *ethos*. De um lado “a exigência do *logos* teórico que se volta para a universalidade e a imutabilidade que *é*,” e, por conseguinte, “a exigência do *logos* *prático* que estabelece as regras e o modelo do que *deve ser*.” Em suma, esses dois polos estão caracterizados pela ação do indivíduo em relação ao *ethos* referenciado pelo *logos*.

O problema que desemboca dessa concepção e o que permeará as discussões de uma ciência do *ethos* está formulado a partir da seguinte indagação: “que tipo de correspondência é possível estabelecer entre a racionalidade do *logos* formalizada na *episthémé* ou no discurso demonstrativo e a racionalidade fenomenológica do *ethos* histórico?” Vaz salienta que essa vertente é essencial para o advento da Ética como ciência ou Filosofia moral. Em torno disso, serão concebidos os pressupostos do pensamento ético.

Diante disso, o discurso de uma ciência do *ethos* estaria correlacionado com a intermediação entre o *ethos* como costume e o *ethos* como hábito (*hexis*); e não apenas a ação individual do ser. A concepção aqui estabelecida gira em torno da compreensão explicativa da relação do indivíduo ao meio em que está inserido e o papel ao qual estará submetida a ciência do *ethos*. Lima Vaz explica que:

[...] o problema que a nascente ciência do *ethos* se propõe resolver formula-se como transcrição da racionalidade vivida que se faz presente na passagem do costume (*ethos*) à ação ética (*praxis*) pela mediação do hábito (*hexis*), na estrutura de um discurso demonstrativo (*logos apodeiktikós*). Se a circularidade dialética que constitui a racionalidade imanente do *ethos* tem como momentos constitutivos a universalidade abstrata do costume, a singularidade concreta da ação ética caberá primeiramente investigar a forma de racionalidade que é característica da universalidade do *ethos* como costume (2013, p. 62).

Assim, a ordenação constitutiva da ciência do *ethos* deve estabelecer um diálogo entre as duas fontes da razão em que está fundamentada, “a racionalidade da *physis* e a racionalidade da *téchne*.” Com efeito, o indivíduo marcado pela busca da perfeição, deve na sua conduta estabelecer laços com “a razão universal da *physis*,” que se refletirá no seu agir ético. Desse modo, Lima Vaz coloca que as racionalidades envolvidas nessa ação são uma causal e a outra teleológica, e o entrelaçamento desses pensamentos, servirá de base para “a racionalidade própria do *ethos*” (VAZ, 2013, p. 63).

Sobre a relação *physis-ethos*, é importante observar que a partir desse entrelaçamento estrutura-se duas grandes vertentes que dão início à ciência do *ethos*: “a ética platônica e a ética aristotélica.” Lima Vaz expõe que:

Para Platão, o Bem como Idéia (*idéa tou agathou*) submete ao seu finalismo transcendente a exigência do melhor que se faz presente no indivíduo, na cidade e no universo: a unicidade do Bem transcendente confere ao discurso ético a feição de uma ontologia finalista. Para Aristóteles, o Bem como Forma admite uma predicação analógica propriamente dita (*pollachôs légetai*), fundada sobre a tendência de cada ser a realizar seu próprio bem ou perfeição (*enérgeia*) segundo o dinamismo imanente da sua natureza. A Ética pode, então ser definida na sua autonomia como ciência que estuda a *praxis* do homem orientada para seu fim propriamente humano (eudaimonia). Ela é, assim, uma ciência especificamente prática (*praktikè epísthème*) (2013, p. 64).

Em face da nova ciência do *ethos*, Vaz apresenta-nos um impasse no estabelecimento dessa concepção, pois o *ethos episthème* traz consigo a dificuldade em aliar as particularidades normativas do discurso ético (necessidade do *dever-ser*) com o discurso demonstrativo (necessidade do *ser*). Assim, a passagem do *ethos* a Ética exige que o seu discurso seja capaz de expressar a racionalidade própria da ação e não somente o conhecimento de um ser. Desse modo, “teríamos, então, uma *praxis* fundamentada ou justificada teoricamente, ou trazendo em si explicitamente a demonstração do agir virtuoso ou bom como agir conforme à razão” (VAZ, 2013, p. 67).

Portanto o sujeito ético seria o detentor do mais alto grau da vida humana, na medida em que ele soubesse dar razões para a natureza da virtude, assim, se aproximaria cada vez mais da perfeição e do Bem. Com efeito, ao ser pensada universalmente, a ciência do *ethos*



deve levar em consideração alguns aspectos fundamentais da relação do *ethos* e o indivíduo. A inteligibilidade que aqui se constitui gira em torno da “existência empírica do indivíduo, com a existência histórica do *ethos* e com o fim da vida ética, a realização do homem na excelência ou *areté* do seu ser verdadeiro.” Lima Vaz define, portanto, que:

Essa Razão universal, o homem a encontra em si mesmo, nas regras que dão sensatez ao seu operar, e, fora de si, nas leis da natureza. Que se trate de uma única e mesma Razão, eis o postulado necessário de nossa existência razoável e sensata no mundo e eis o ponto de partida da Ética como ciência (2013, p. 68).

Nesse ponto, o que se evidencia é o modelo de vida proposto por um agir segundo a razão, ou melhor, uma vida sensata capaz de dar fundamentos a ela. Explicitando a linha de pensamento de Lima Vaz, Herrero explica-nos que:

A Ética, como ciência prática, pretende então explicitar, avaliar, criticar e organizar logicamente as razões do *ethos* histórico ou mostrar para o agente ético as provas da *razoabilidade* de seu agir. E a forma de razão mais adequada para essa tarefa é a *razão prática*, que é *universal* seja como predicado do ser humano, seja como predicado do *ethos*. [...] o ponto de partida para o discurso da Ética é a reflexão sobre a *estrutura universal* da Razão prática, pois é o agir ético do indivíduo que o eleva de sua condição empírico-*particular* à condição de indivíduo ético *universal*, pela qual se torna capaz de demonstrar a correção do seu agir, que consiste na conformidade com as categorias universais da razão prática (2012, p. 398).

Na estrutura da ciência do *ethos*, profundas transformações conceptuais acompanham o seu desenvolvimento. Diante dessa reviravolta, Vaz coloca que, entre o expoente clássico do *ethos* e o advento da razão moderna resulta uma interpretação nova para a ética, a ‘ética do *dever*’. O pensamento aqui abordado é parte da reflexão kantiana para a explicação da razão prática, esforço esse para explicitar adequadamente a forma universal do *dever-ser*. Vale ressaltar também que, dentro desse contexto, as abordagens hegelianas terão um importante papel numa Ética filosófica.

Vaz expõe ainda os contrapontos que se mostram entre o pensamento clássico e a ética moderna no que tange o pensamento discursivo para a conduta do ser, definidas através das normas a que estariam submetidos. Diante dessa reflexão, encontram-se pressupostos contrários, “seja pelo recurso a uma ética da prudência ou do senso comum limitada ao *ethos* do cotidiano, seja pela redução dos problemas éticos a problemas de linguagem ou de Metaética” (VAZ, 2013, p. 72-73).

Pode parecer que os passos dados em face de uma reflexão concisa da conduta do indivíduo na sociedade, num dado momento, pareça sem fundamento ou que se está

caminhando para o fracasso. Diante dessa perspectiva, Vaz afirma que tal temporalidade só seria possível de se perpetuar caso desaparecesse a filosofia, e a civilização mudasse de alma e de destino. Pois, ao passo que cresce a universalização da civilização, seja no âmbito jurídico ou político, a ética emerge como ação justificativa e regulamentadora da vida, não sendo possível ultrapassá-la, levando os indivíduos a pensar de forma racional e livre.

Nesse âmbito de universalização da civilização, seria a ciência do *ethos* o discurso pelo qual a ação humana se exprimiria logicamente universal à ação humana, na busca pelo fim último, aqui caracterizado pela perfeição (*enérgia*) ou manifestada na bondade (*areté*). O entrelaçamento aqui constituído expressam as dimensões pelo qual está envolto o sujeito ético, a comunidade ética e o mundo ético, que caracterizam o acontecer da *praxis* na cultura. Cada uma dessas dimensões apresenta-se caracterizado pelo universal abstrato, pelo particular e no singular (Universal concreto), tornando assim o *ethos* real e histórico.

Lima Vaz esquematiza essa estrutura conceptual da Ética filosófica enquanto ciência do *ethos* da seguinte maneira:

No *sujeito ético* [...] o universal que se autodetermina em ordem à *praxis* manifesta-se como conhecimento e liberdade na sua inter-relação dialética; ele se particulariza como deliberação (*boulesis*) e escolha (*proairesis*) e se singulariza ou se determina como universal concreto na *consciência moral* (*suneidesis*). Na *comunidade ética*, o universal se constitui como universal do reconhecimento e do consenso que se particulariza no *ethos* histórico ou na tradição ética como espaço de participação e comunicação (educação e vida éticas) e se singulariza na *consciência moral social* (eticidade propriamente dita) que é o universal concreto da existência da comunidade ética. Finalmente, no *mundo ético objetivo* ou no universo simbólico do *ethos* – que existe efetivamente no *médium* da linguagem como estrutura ou sistema –, o universal se manifesta na inter-relação dialética do *fim* (*conhecimento*) e do *bem* (liberdade), constituindo o princípio universal do agir ético. Ele se particulariza no *ethos* histórico ou na tradição ética como universo simbólico de representações e valores (cultura ética) e se singulariza como expressão normativa (normas, leis, direito): é esse o universal concreto do mundo ético que existe efetivamente no mundo político (2013, p. 76).

Temos, com isso, a base da explicação a que está submetida a liberdade no mundo grego, que, com a eclosão dos conflitos estruturais da *polis*, colocam em xeque a unidade do *ethos*, e sob a luz da Razão evidenciam a fragilidade dos destinos individuais. Diante disso, Vaz conclui que “quando a individualidade livre emerge da ruptura da eticidade substancial, o *ethos* vê se esvair-se sua força unificadora e ordenadora: nasce a Ética” (2013, p. 78).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notável quão desafiadora é a formação de uma Ética filosófica capaz de dar respostas aos inúmeros problemas morais que se perpetuam em nossa sociedade, como desenvolver um modelo ético que responda categoricamente ao agir moral de um indivíduo na sociedade, ou seja, um discurso capaz de dar as razões pelos quais regulamentam e justificam a nossa ação enquanto ser ético.

A análise vaziana sobre o agir ético na cultura possibilitou a compreensão dos problemas ente Ética e Cultura enfrentados pela nossa civilização. O percurso histórico do advento de uma Ciência do *ethos* é o que nos possibilitou compreender a crise niilista em que estamos imersos. Pode-se notar, também, no decorrer deste trabalho, que os rumos da nossa civilização estão intimamente ligados ao modo como os indivíduos se relacionam com o *ethos*. Evidentemente o futuro dela depende dessa correlação.

O filósofo Lima Vaz, para inter-relacionar Ética e Cultura por meio do seu discurso, utiliza o método dialético com um olhar na tradição filosófica e o outro nas questões contemporâneas, desenvolvendo uma nova racionalidade que contemple os problemas contemporâneos; seu método sistemático, antropológico e ético resgata a ética no âmbito de reconfiguração da unidade da razão, em busca do fundamento do ser. A Ética Filosófica se encontra inserida no contexto cultural do indivíduo evidenciando assim o uso da razão prática (agir humano).

As análises feitas por Lima Vaz colocam-nos no âmbito reflexivo sobre o caráter ético ao qual somos chamados a seguir, baseando-se num modelo de vida sensata, segundo a razão, procurando uma vida virtuosa para chegar ao sumo Bem.

Por isso, o viés desafiador na atualidade para a ética filosófica é fazer essa leitura diante do agir ético, do ser ético que age ética e moralmente, pondo-se em destaque em seu lugar no universo, individual e social, face ao niilismo imanente dessa crise moral, que marca novos inícios para a Ética Filosófica. Dessa forma, torna-se pertinente essa reflexão do agir ético, sobreposto na ação da razão prática, disposto no pensamento da Ética Filosófica de Lima Vaz.

É por isso que, a tons de conclusão, percebe-se o mérito que a reflexão sobre o agir ético que o filósofo Henrique Cláudio de Lima Vaz possui; um discurso conciso de grande compreensão do nosso tempo. O paradoxo em que vive nossa sociedade, uma civilização altamente racional, mas que nega os princípios éticos e morais sobre os quais fora constituída, é o que nosso autor coloca, lembrando uma comparação de Hegel, em que uma sociedade

nesses moldes ‘niilistas’, é igual “a um templo sem altar. Que outro destino lhe resta senão o de tornar-se uma *spelunca latronum* (Mt 21,13)?” (VAZ, 2013, p. 8).

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, M. Niilismo. In: LOGOS - *Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. Lisboa/São Paulo: Verbo, 1991. v. 3. p. 1170-1171.

HERRERO, F. J. A ética filosófica de Henrique Cláudio de Lima Vaz. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 39, n. 125, p. 393-432, mar. 2012. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/1856>. Acesso em: 05 nov. 2021.

OLIVEIRA, C. M. R. de. *Metafísica e ética: a filosofia da pessoa em Lima Vaz como resposta ao niilismo contemporâneo*. São Paulo: Edições Loyola, 2013. (Coleção Estudos Vazianos).

RIBEIRO, E. V. *Reconhecimento ético e virtudes*. São Paulo: Edições Loyola, 2012. (Coleção Estudos Vazianos).

SAINT-SERNIN, B. Niilismo. In: CANTO-SPERBER, M. (Org.). *Dicionário de ética e filosofia moral*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2007. v. 2, p. 250-255.

VAZ, H. C. de L. *Escritos de filosofia II: ética e cultura*. 5.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013. (Coleção Filosofia).

VAZ, H. C. de L. *Escritos de filosofia IV: Introdução à ética filosófica 1*. 7.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015. (Coleção Filosofia).